

- BECKETT, Samuel (2003). *Aquela Vez e Outros Textos*. Tradução de Luís Miguel Cintra e Diogo Dória. Porto: Quase Edições e Visões Úteis.

“CADEIRA DE BALOIÇO “– Tradução de Diógo Dória - pp. 43-46.

NOTA: O monólogo deverá ser interpretado ao vivo, apesar das indicações do autor.

CADEIRA DE BALOIÇO

M – Mulher numa cadeira de baloiço.

V- Voz dela gravada.

Subida de luz sobre M. Cena de frente ligeiramente descentrada. Cadeira de Baloiço imóvel. Uma longa pausa.

(...)

V

até que por fim

fim de um longo dia

ela desceu

por fim desceu

a escada íngreme

baixou o estore e desceu

tudo desceu

sentar-se na velha cadeira de baloiço

a da sua mãe

aquela onde a sua mãe sentada

ao longo do ano

toda de negro vestida

com o seu melhor vestido negro

se foi embalando

embalando

até ao seu fim

ausente dizia-se

um pouco ausente

mas inofensiva

morta um dia
não
uma noite
morta uma noite
fim de um longo dia
na sua cadeira de baloiço
com o seu melhor vestido negro
cabeça caída
a cadeira de baloiço
a embalá-la
embalá-la sempre
até que por fim
ao fim de um longo dia
desceu
por fim desceu
a escada íngreme
baixou o estore e desceu
tudo desceu
sentar-se na velha cadeira de baloiço
finalmente esses braços
e se embalou
embalou
os olhos fechados
fechando-se
tanto tempo
olhos
olhos ávidos
em todo o lado
em cima em baixo
aqui e ali
à sua janela
para ver
ser vista
até finalmente um dia

fim de um longo dia
em que ela diz para si
a quem mais
tempo de parar
baixa o estore e pára
tempo de descer
a escada íngreme
tudo desceu
seja ela a outra
a outra alma viva
só ela
até que por fim
ao fim de um longo dia
desceu
a escada íngreme
baixou o estore e desceu
tudo desceu
sentar-se na velha cadeira de baloiço
e embalou-se
embalou-se
dizendo
não
nunca mais
à cadeira
braços finalmente
dizendo
embala-a daqui
embala-a daqui

(Simultaneamente: eco de “embala-a daqui”, fim do balançar, negro.)

- SANTARENO, Bernardo (1987). *Obras Completas, 4º Volume - Português, Escritor, 45 de Idade; Os Marginais e a Revolução; Três Quadros de Revista; O Punho*. Organização, posfácio e notas de Luiz Francisco Rebello. Lisboa: Caminho.

“A CONFISSÃO”, p. 180.

“VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS”, pp. 207 e 208

A CONFISSÃO

FRANÇOISE (*simples, triste*)

Para quê? Para toda a gente fazer pouco de mim?! Eu tentei, Padre, mas falhei. Falhei sempre. Não adianta. (*Pausa. Voltando à volubilidade anterior.*) Sabe, Padre? As outras todas, lá na boate, são reaccionárias... Bem vê, os nossos clientes, que são também os nossos amigos e protectores, são todos da direita e elas, é claro, lêem pela mesma cartilha. É natural, compreende-se. Mas eu... não sei... fui sempre muito independente... Não é que eu tenha uma formação política a sério, está bem de ver! Sei muito bem que não tenho. (*Amargo, outra vez.*) Isso, a política é coisa dos homens! Um travesti não é homem, nem mulher, é um nada. Tem a cor do vestido que lhe vestem. Um travesti vive do sexo e para o sexo. Não tem cabeça. Ninguém quer que ele pense. Um travesti é uma massa de *bâton*, rimel, nádegas e mamas... postičas. Diga-me, Padre, o que acontece a um preto numa terra de brancos que não gostam de pretos? Claro, o pobre do homem só pensa na cor da sua pele. Muito mais do que os brancos. É normal ser-se branco, nessa tal terra. É o mesmo com os travestis. O sexo invade-os, ocupa-os todos, não lhes deixa nada livre para outras coisas. É assim o travesti... (*Pausa muito triste. De súbito, recupera a feminilidade caricatural anterior.*) A Françoise é louca, mas não é nenhuma burra! Sentimental, uma sentimental é que eu sou. Foi sempre o coração que me fez tropeçar... E, às vezes, tropeço em situações estúpidas que, bem vistas as coisas, não têm nada a ver comigo. É o que acontece agora,

não têm 25 de Abril, quando vejo passar as manifestações de operários... Não sei, eu mesma não percebo... É cá uma coisa a roer-me por dentro... Sim, o que é que eu tenho que ver com os operários? Nada, nadinha... Vivo no meio de sedas e lantejoulas!... Mas a verdade é que, quando os vejo passar, dá-me um baque no coração, sinto vontade de chorar e... choro mesmo! Lembro-me do meu pai e do meu irmão... Eu não lhe disse, Padre, que eles são operários, numa fábrica de loiça, em Alcobaça? Pois são. Quando vejo passar os outros, lembro-me dos meus, fico comovida, toda entusiasmada...

VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS

PEDRO (*contente, quase infantil*)

Pareço o Alain (*pronuncia como se escreve, à portuguesa*) Delon, quando era novo. Toda a malta diz. (*Pondo-se de pé, a mostrar-se.*) Bem arreado com'o gajo e, com um fogante nas unhas (*gesto de empunhar uma pistola-metralhadora*), fico tal e qual! (*Senta-se.*) Hei-de lá chegar. Não a fingir, mas a sério. Uma vez, houve um tipo desses dos cinemas... Era o gajo que mandava nos actores, o chefe daquela cagada toda...!? Percebe? Realizador, chamavam-lhe o realizador! Sabe o que é? Ele queria que eu entrasse na fita. Fazia de chulo, engatatão, arrebenta, ou coisa assim!... Ainda lá fui dois dias. Por acaso, gramei. Vestiram-me logo um blusão de cabedal preto porreirinho... Sabe com'é que é, não sabe? Mas aquilo era uma coisa em bom, mesmo giro! Hoje, um gajo não comprava um cenário daqueles por menos de sete ou oito pacotes... Mesmo porreiro! Ficou lá. Que se foda! A certa altura, a maralha — era eu e mais quatro ou cinco tipos! — andava à mocada com os chuis... Gajos a fingir também, percebe? Depois tinha que dar de frosque por escadas e telhados, com os sacanas dos polícias atrás de mim...! Era uma cobiada do caralho, aquilo!

Mas depois chateei-me e, ao terceiro dia, já não fui. Pra quê? Era tudo fita, tudo a fingir... Ainda por cima, houve bronca com o «sherif», o tal manda-chuva do filme. O gajo era paneleiro, começou a fazer-se-me ao piso, queria açorda comigo... e eu acabei

por ter de lh'amandar um soco nos cornos! (*O Senhor contrai-se, constrangido; Pedro percebe.*) Calma aí! Isto não é consigo, porra! (*Pausa.*) Eu agora estou na merda. (*Duro.*) Durmo neste banco e estou cheio de fome. (*Aumenta o mal-estar do Senhor, que se afasta um pouco de Pedro.*) Não fuja, homem! Não tenha medo, caralho!? (*Mostrando o forro dos bolsos.*) Está a ver? Estou liso e pendurado no primeiro cabrão que me pagar: rachado, punheteiro ou brochista! (*Sombrio.*) Estou na merda, já lhe disse.

- **Shakespeare, William (2002). *Sonho de uma noite de verão*. Tradução de Maria Cândida Zamith. Porto: Campo de Letras.**

pp. 90-95.

Helena

Oh! Céus e inferno! Todos num consenso
A troçar de mim para divertimento.
Quem fosse cortês e bem-educado
Não me teria assim insultado.
Não basta odiar-me – odiais-me, sei bem –
Haveis de juntar-vos a zombar, também?
Fôsseis cavalheiros, qual vosso timbre,
Não trataríeis um dama assim.
Jurando e trejurando o meu valor
Quando me tendes ódio e não amor.
Sois ambos rivais e ambos amais Hérnia,
E agora, ambos riais, zombais de Helena.
Empresa varonil, façanha bela,
Fazer chorar uns olhos de donzela
Com o vosso escárnio. Ninguém de coração
Ofenderiam uma virgem, certo não,
Tirando-lhe a paz só para distração.

Negra noite aos olhos rouba a função,
E aos ouvidos dá maior apreensão.
Para que possa a fraca vista suprir,
Dá redobrada acuidade ao ouvir.

Hérnia também pertence à conjura.
Percebo agora, juntaram-se os três
Para armarem esta farsa contra mim.
Pérfida Hérnia, que ingrata donzela,
Tu conspiraste, com eles forjaste
Atormentar-me com tão feio escárnio?
Todos os segredos que partilhámos –
Os votos fraternais, as horas juntas,
Queixando-nos da rapidez do tempo

Em nos separar – Oh! Tudo esquecido?
A amizade da escola, a infância pura?
Nós, Hércules, como dois deuses artífices,
Com agulhas criámos, as duas, uma flor,
Para as duas um bordado, uma almofada,
Cantando uma canção no mesmo tom,
Como se as nossas mãos, vozes e espírito
Se houvessem fundido. Crescemos juntas,
Qual cereja dupla: parecendo duas,
Mas unidas na separação,
Duas bagas moldadas numa só haste.
Assim, dois corpos e um só coração,
Dois dos primeiros – como em heráldica,
Armas de um só e com um só brasão.
E vais deitar de lado o antigo amor
Para juntar-te aos que zombam da tua amiga?
Não é de amigas, não é de donzelas.
O nosso sexo tem de se queixar,
Embora a injúria seja eu a notar.

- **Pinter, Harold (2002). Teatro I - *O Regresso a casa*. Tradução de Pedro Marques. Lisboa: Relógio D'Água Editores.**

pp. 296-297.

Lenny

Que engraçado, sabe, sempre tive a sensação de que se tivesse sido soldado na última guerra – digamos na campanha italiana – teria provavelmente ido parar a Veneza. Sempre tive essa sensação. O problema é que eu era novo demais para ir a tropa, percebe? Era uma criança, era novo pequeno demais, de outra maneira sinto, claramente que teria ido lá para com o meu batalhão.

Numa noite, não há muito tempo, numa noite junto às docas, eu estava parado sozinho debaixo de uma arcada, a observar os homens a desfraldar a vela, na baía e a brincar com o lais da verga, quando uma determinada senhora veio ter comigo e me fez uma determinada proposta. A senhora andava à minha procura há dias. Tinha perdido o meu rasto. Contudo, o que é certo é que acabou por me encontrar, e quando me encontrou fez-me uma determinada proposta. Bom, esta proposta não veio completamente a despropósito e normalmente eu teria aceite. Quer dizer, eu teria aceite se estivesse dentro do curso normal dos

acontecimentos. O problema é que ela estava a cair aos bocados com varíola. Por isso recusei. Bom, a senhora foi muito insistente e começou a tomar liberdades comigo debaixo da arcada, liberdades que por critério nenhum, eu devia tolerar, sendo assim, espetei-lhe um. Naquela altura passou-me pela cabeça ver-me livre dela, percebe, matá-la, e o facto é que, tanto quanto diz respeito aos assassinatos em geral, teria sido um assunto fácil de resolver, sem complicações. O motorista dela, que me tinha localizado, tinha ido à esquina beber um copo, de maneira que ficámos, eu e a senhora, percebe, sozinhos, parados debaixo da arcada, a observar os barcos a vapor a fumar, ninguém à vista, a oeste nada de novo, e ela ali encostada à parede – bom, a escorregar pela parede abaixo, depois do soco que eu lhe dei. Bom, para concluir, estava tudo a meu favor, para um assassinato. Não se preocupe com o motorista. O motorista nunca teria dito nada. Era um velho amigo da família. Mas...no fim eu pensei...Aaah, para quê dar-me a todo este trabalho? Percebe? De ter de me livrar do cadáver e isso tudo, colocar-me sob essa pressão. Por isso dei-lhe apenas um outro selo no nariz e dois pontapés, e deixei-a assim, como estava.